

ANÁLISE ACERCA DA VISÃO TOMASIANA SOBRE A PATERNIDADE¹.

Paulo Faitanin – *Universidade Federal Fluminense.*

Daniel N. Pêcego – *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.*

Resumo: O artigo trata da noção de paternidade segundo Tomás de Aquino. Começa analisando suas considerações teológicas sobre a Santíssima Trindade e as relações entre as Pessoas divinas. Termina por tratar da paternidade humana como reflexo da paternidade divina.

Palavras-chave: Paternidade; Pai; Teologia Natural; Revelação.

Abstract: The paper is about the notion of fatherhood according to Thomas Aquinas. It begins analyzing his theological considerations about the Holy Trinity and the relationships between the Divine Persons. It finishes treating on the human fatherhood as a reflex of the divine one.

Keywords: Fatherhood; Father; Natural Theology; Revelation.

INTRODUÇÃO.

Tomás de Aquino - sabendo que o homem pela razão natural pode chegar ao conhecimento de Deus e ao mesmo tempo convicto da necessidade que tem de fazê-lo - desenvolveu uma profunda Teologia Natural². Esta, por um lado, investiga racionalmente a existência de Deus e, por outro, o modo como, pela razão, podemos conhecer algo de Sua essência³.

¹ Este artigo é uma versão algo modificada de: FAITANIN, P. E PÊCEGO, D. *A paternidade segundo Santo Tomás de Aquino. Communio: Revista Internacional de Teologia e Cultura.* Rio de Janeiro, ed. 104 (ago.-dez. de 2009), pp. 941-951.

² No lugar do termo *Teodicéia*, aqui se utiliza a expressão *Teologia Natural*, embora possam ser tomados ambos como sinônimos. Sobre a questão terminológica, cf. GONZÁLEZ, Á. *Teología Natural.* 4 ed. Pamplona: Eunsa, 2000; JOLIVET, R. *Metafísica.* Rio de Janeiro: Agir, 1972, pp. 323-456 e GREDT, J. *Elementa Philosophiae Aristotelico-Thomisticae.* Volume II. Roma: Herder, 1961, pp. 118-338.

³ Quatro obras dedicam-se particularmente à Teologia Natural em todo o *Corpus Thomisticum*: *Comentários aos XII livros da Metafísica de Aristóteles*; *Compêndio de Teologia (CTb)*; *Suma contra os Gentios (ScG)* e a *Suma Teológica (STb)*, I, q.1. Há outras obras que não se dedicam exclusivamente ao tema, mas o têm como referência. Sobre o assunto em Tomás de Aquino, vale citar: “a Teologia Natural não é toda a Filosofia, é apenas uma parte desta, ou melhor ainda, o seu coroamento; todavia, é a parte da Filosofia que Santo Tomás elaborou mais profundamente e na qual ele se manifestou como um gênio verdadeiramente original”. Cf. GILSON, É. *A Filosofia na Idade Média.* 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 657.

Como é evidente, a noção de Deus se encontra no ponto de partida da Teologia Natural, não cabendo, porém, a ela - enquanto parte dos estudos metafísicos - considerar a noção de Deus como aquela revelada em *Êxodo* 3, 14: “Eu sou Aquele que Sou”, mas tão-somente procurar a causa universal do ser.

Levando-se isso em consideração, são muitos os nomes filosóficos dados a esta causa universal. Em Aristóteles, por exemplo, há a presença de *motor imóvel* e *ato puro*⁴. Entretanto, a maioria dos filósofos gregos recorreu normalmente à palavra *Theos*⁵ para designar – ainda segundo o senso comum - o Ser supremo distinto do mundo o qual Ele governa por Seu poder e que merece o respeito e a homenagem dos homens, e – já segundo uma noção estritamente filosófica - o Ser infinitamente perfeito que existe por Si e é causa suprema de tudo o que é.

TEOLOGIA.

Sob a perspectiva propriamente filosófica, o Angélico, ao tratar seja do modo como conhecemos a Deus como dos nomes de Deus, permanece ligado à perspectiva gnosiológica do realismo moderado, considerando que, se as provas da existência de Deus são tiradas da experiência⁶, o conhecimento que o homem adquire de Deus e os nomes que Lhe atribui não podem ter senão um valor analógico⁷. Desse modo, nenhuma palavra ou conceito pode expressar adequadamente aquilo que Deus é⁸. Nem mesmo o próprio nome de Deus, “*Esse ipsum subsistens*” O expressa adequadamente. Nas palavras do próprio Tomás de Aquino,

“a nossa inteligência não pode apreender a essência divina em si mesma, e [que] chega ao conhecimento dela partindo do conhecimento das coisas existentes entre nós, nas quais há perfeições diversas, cuja raiz e origem está em Deus. Como não podemos atribuir um nome a alguma coisa, a não ser que a tenhamos conhecido pela inteligência (pois os nomes são sinais daquilo que apreendemos por intelecção), assim também não podemos atribuir nomes a Deus a não ser partindo das perfeições existentes nas coisas, cuja origem está Nele. Como, além disso, são

⁴ Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*, XII, 7, 1072b 7-14.

⁵ Uma resumida análise acerca da origem do nome “Deus” encontra-se em: JOLIVET, R. *Op. cit.*, pp. 332-333.

⁶ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STh.* I, q. 2, a. 2, r.

⁷ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STh.* I, q. 13, aa. 1-7, especialmente.

⁸ Cf. GILSON, É. *Op. cit.*, p. 661.

muitas as perfeições encontradas nas coisas criadas, deve-se também atribuir muitos nomes a Deus”⁹.

Neste ponto, Santo Tomás faz uso da via negativa¹⁰, alcançando uma rica síntese entre a teologia negativa de inspiração platônica e a teologia natural positiva de inspiração aristotélica¹¹, chegando à conclusão de que “tudo o que é conhecido pode ser também expresso em palavras (...). Mas por que de Deus possuímos um conhecimento imperfeito, nos é possível denominá-Lo apenas imperfeitamente, quase balbuciando”¹².

A SANTÍSSIMA TRINDADE.

Ora, como indica a Teologia, a Deus cabem duas ordens de operações. Uma *ad intra*, referente à vida íntima de Deus, precisamente Suas operações do conhecer e querer. E uma outra, *ad extra*, consistindo nas relações de Deus com o mundo, Sua providência, a criação e conservação¹³. Aqui se insere a História da Salvação. Por amar o homem por si mesmo, Deus decidiu desde toda a eternidade salvá-lo e Se revelar a ele.

Há, portanto, dados que os homens conhecem apenas porque Deus os quis revelar e que, sem negarem a razão, a transcendem em muito, iluminado-a¹⁴. Assim, por exemplo, Deus revelou pedagogicamente, através da História da Salvação, a Trindade das Pessoas divinas¹⁵. Como era de se esperar, Santo Tomás de Aquino não poderia deixar de tratar de um tópico tão importante como o do mistério trinitário¹⁶, que é o que principalmente distingue o

⁹ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *CTh*. I, XXIV, 1.

¹⁰ Cf. ROVIGHI, S. *Introduzione a Tommaso d'Aquino*. 12 ed. Bari: Laterza, 2007, pp. 62-63.

¹¹ Cf. MONDIN, B. *Dizionario enciclopedico del pensiero di San Tommaso d'Aquino*. Bolonha: ESD, 1991, verbete “Dio”, pp. 194-195.

¹² Cf. TOMÁS DE AQUINO. *I Sent.*, d. 22, q. 1, a. 1

¹³ Cf. MONDIN, B. *Op. cit.*, verbete “Dio”, p. 192.

¹⁴ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *CTh*. I, XXXVI, 2.

¹⁵ Tomás trata da Santíssima Trindade em muitas obras, em particular no *Comentário às Sentenças* (I, dd. 1-48); na *Suma contra os gentios* (IV, cc. 2-25); no *Compêndio de Teologia* (I, cc. 30-68) e na *Suma Teológica* (I, qq. 27-43). Nesta última, há o estudo mais maduro e sistemático, no qual o Aquinate recolhe os melhores frutos das especulações patrística e escolástica e de suas meditações pessoais sobre o assunto. Cf. MONDIN, B. *Op. cit.*, verbete “Trinità”, pp. 611-616, p. 613.

¹⁶ Tomás de Aquino observa que é impossível chegar ao conhecimento da Trindade das Pessoas divinas pela razão natural, ao contrário da unidade da natureza divina. Ressalta ainda algo muito importante também para efeitos apologeticos: “Não tentemos provar o que pertence à fé a não ser por argumentos de autoridade para aqueles que os aceitam. Para os outros, basta defender não ser impossível o que a fé anuncia”. Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *STh* I, q. 32, a. 1, r.

Cristianismo de todas as demais religiões¹⁷. Vejamos algumas de suas conclusões sobre o tema.

No que tange ao tema da substância divina, o ensinamento de Santo Tomás segue fielmente o de Santo Agostinho¹⁸. Dessa forma, afirma que, no âmbito da criatura, “pessoa” significa subsistência, ou seja, autonomia no ser, mediante um ato de ser próprio, indivisível e incomunicável¹⁹. Mas as Pessoas divinas não podem se constituir como tais por essa via, o que levaria a um triteísmo²⁰. Para conceber a subsistência das três Pessoas divinas, Tomás utiliza a categoria *relação*. A subsistência situa-se na relação e, sendo assim, se pode estabelecer uma distinção de pessoas que não comprometa a unidade do ser e da natureza em Deus²¹.

Por isso, tantas são as Pessoas quanto são as oposições reais conexas às relações. Consequentemente, são apenas três, pois há oposição entre a paternidade e a filiação e estas designam duas Pessoas, o Pai e o Filho, havendo ainda uma oposição de relação na expiração passiva, designando a terceira Pessoa, o Espírito Santo²². Sendo assim, as Pessoas divinas se diferenciam entre Si não por uma perfeição entitativa, relativa ao ser, posto que são iguais²³, mas propriamente por uma relação²⁴.

Já Agostinho identificava as diferenças pessoais com as relações exclusivas entre os Pessoas da Trindade, que são exatamente três; a Paternidade, a Filiação e a Expiração passiva (relações subsistentes). A razão da distinção entre as Pessoas não pode ser encontrada em qualquer qualidade accidental e nem mesmo na multiplicação numérica - que são as razões mais frequentes de distinção entre os indivíduos de uma mesma espécie - porque na Trindade não há qualidade accidental, uma vez que tudo é essencial; nem extensão, que é o fundamento da multiplicação numérica²⁵.

O único princípio de distinção entre as Pessoas que salvaguarda ao mesmo tempo a absoluta identidade no nível da essência e de perfeição absoluta é, portanto, a categoria de relação²⁶. Essas relações - sendo de ordem de oposição²⁷ e não de perfeição absoluta (*ad se*), bondade, sabedoria,

¹⁷ Cf. MONDIN, B. *Op. cit.*, verbete “Trinità”, p. 611

¹⁸ Cf. IDEM. *Op. cit.*, verbete “Dio”, p. 194.

¹⁹ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STh* I, q. 29, a. 1.

²⁰ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STh* I, q. 29, a. 4, r. e GOMES, Cirilo Folch. *Riquezas da Mensagem Cristã*. 2 ed. Rio de Janeiro, *Lumen Christi*, 1989, p. 169.

²¹ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STh* I, q. 29, a. 4, r. e q. 36, a. 2. r.

²² Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STh* I, q. 30, a. 2, r.

²³ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STh* I, q. 42, a. 1, r.

²⁴ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STh* I, q. 29, a. 4, *ad* 1 TOMÁS DE AQUINO. *CTh*. II, LIII e MONDIN, B. *Op. cit.*, verbete “Trinità”, p. 615.

²⁵ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STh* I, q. 30, a. 3.

²⁶ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STh* I, q. 40, a. 1, r.

²⁷ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STh* I, q. 36, a. 2, r.

potência, liberdade *etc.* - significam apenas distinção e não diversidade de perfeições entre uma Pessoa e Outra. Como essas relações são reais, importam numa distinção real e não apenas de razão – entre os termos correlativos – o Pai não é o Filho, o Filho não é o Pai *etc.* – sendo imutáveis e subsistentes²⁸.

O Angélico se vale ainda da imagem psicológica da Trindade construída por Agostinho para explicar o tema das *processões divinas*. Fundamentando-se na psicologia aristotélica, afirma que o intelecto conhece o objeto, reproduzindo-o em si mesmo imaterialmente mediante a ideia, o verbo mental. A vontade, com o ato de volição, se move para aderir ao objeto conhecido, presente na alma, o qual se torna termo da ação volitiva que é o amor. Esse processo da psicologia humana é analogicamente transferido para Deus. Deus, espírito simplíssimo e ato puríssimo, é essencialmente operativo.

As ações que Deus produz são imanentes, são ações do conhecer e do querer, as quais não podem se voltar senão para Ele mesmo. Se os termos do conhecer e do querer da alma humana - a ideia e o amor - são simples modificações da mesma alma, no caso de Deus, ao contrário, os termos do conhecer e do querer são realidades subsistentes, ou seja, as Pessoas do Verbo de Deus e do Espírito Santo. Tomás de Aquino, porém, completa a obra agostiniana, correlacionando as relações às processões divinas. Por isso, a relação do Filho com o Pai corresponde à processão do Verbo da Mente divina²⁹ e a relação do Espírito Santo com o Pai e o Filho, corresponde à processão do amor entre o Pai e o Filho³⁰.

Assim, a processão do Filho pelo Pai se dá por via intelectiva e é análoga à geração da ideia por parte do intelecto³¹. A processão do Espírito Santo se dá por via de desejo e se dá analogamente o mesmo o que ocorre na alma quando se ama a si mesma. Apenas que no caso de Deus os amantes são dois, o Pai e o Filho, mas único é o amor que emerge como subsistente, o Espírito Santo. A segunda processão tem como princípio o Pai e o Filho e como termo o Espírito Santo³². Por isso, como se afirma na fórmula do Credo niceno-constantinopolitano, o Filho procede somente do Pai, enquanto que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho³³. O Pai, porém, não é gerado e nem procede de Nenhuma Outra Pessoa, é ingênito.

²⁸ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *CTb*. II, LIII e MONDIN, B. *Op. cit.*, verbete “*Trinità*”, p. 611.

²⁹ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *SCG* IV, CAP. XIII, 1 e TOMÁS DE AQUINO. *CTb*. II, XXXVII, XXXVIII e XXXIX.

³⁰ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STb* I, q. 36, a. 2, r.; TOMÁS DE AQUINO. *SCG* IV, XIX e TOMÁS DE AQUINO. *CTb*. II, XLVI.

³¹ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STb* I, q. 27, a. 2, r.

³² Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STb* I, q. 27, a. 4, r.

³³ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STb* I, q. 27, a. 3, r.; TOMÁS DE AQUINO. *CTb*. II, XLIX e MONDIN, B. *Op. cit.*, verbete “*Trinità*”, p. 614.

Havendo, assim, distinção numérica de Pessoas, é necessário que haja também um certo número de *propriedades* ou *noções*³⁴ que diferenciem as pessoas entre Si. Ao Pai são atribuídas três propriedades. Por uma se distingue apenas do Filho; trata-se da *Paternidade*: O Pai é Pai do Filho. Pela segunda propriedade Se distingue das outras duas Pessoas. É a *Inascibilidade*, pois o Pai não procede de nenhuma outra Pessoa. Por último, há uma terceira propriedade que possui juntamente com o Filho, distinguindo-Os do Espírito Santo, a *Comum Expiração*³⁵.

Todas as operações *ad extra*, fruto dos atributos absolutos que são o pensar e querer de Deus, se referem em comum às Três Pessoas. As *missões* se referem pessoalmente a uma Pessoa singular, ainda que a ação *ad extra* que produz aquele determinado efeito seja comum às Três Pessoas³⁶. Aquilo que no agir *ad extra* é comum ao Deus Trino se apropria legitimamente a uma Pessoa ou à Outra em virtude da relação possuída *ad intra* com relação à vida divina³⁷.

Para além daquelas noções que são atribuídas a Deus mediante uma apurada análise metafísica dos nomes que Lhe podem ser analogicamente conferidos, na Teologia Revelada se ressalta o nome que melhor explicita a relação de Deus com o homem, o de Pai.

Com efeito, segundo o pensamento tomasiano, Pai é um nome muito especial e é o que melhor convém para o homem reconhecer-se como filho adotivo de Deus³⁸. Por isso, à pergunta “como se pode saber o que significa Deus?”, responde-se dizendo que um dos significados do nome Deus é o de Pai, na medida em que nos revela que somos seres criados à Sua imagem e semelhança e que somos governados e adotados por Ele³⁹.

Foi na manifestação *ad extra* do exercício da Sua Paternidade intradivina que Deus Se nos deu a conhecer como Pai, quando nos entregou o Seu próprio Filho para a nossa salvação. E foi pelo exercício perfeitíssimo de Sua Filiação que o Filho não só nos revelou termos um Pai, senão também que nos redimiui pelas promessas do Seu Pai realizadas no Filho.

Segundo o dado revelado, Deus não é o Ser onipotente, porém distante da condição humana, mas sim um Pai para nós, uma vez que somos de certo modo inseridos em Sua família: Deus é o Pai que nos adotou voluntariamente

³⁴ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *CTh*. II, LIX.

³⁵ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *CTh*. II, LVII. O Filho apresenta duas propriedades: a *Filiação*, no que Se distingue do Pai, e a *Comum Expiração*, pela qual, juntamente com o Pai, Se distingue do Espírito Santo. O Espírito Santo apresenta apenas uma propriedade, pela qual Se distingue do Pai e do Filho, a *Processão*. Cf. TOMÁS DE AQUINO. *CTh*. II, LVIII.

³⁶ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STh* I, q. 43, a. 3.

³⁷ Cf. MONDIN, B. *Op. cit.*, verbete “*Trinità*”, p. 616.

³⁸ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STh* III, q. 23, aa. 1-4.

³⁹ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *In orationem Dominicam*, a.1. De fato, é isso o que ensina a oração do *Pai Nosso*.

por Amor, no Espírito Santo, e Cristo, Filho de Deus Pai, é o nosso Irmão, já que também possui a nossa natureza⁴⁰.

O termo “Pai” se aplica a Deus de dois modos: pessoal e atributivo. Como nome pessoal designa a Primeira Pessoa da Santíssima Trindade e isso se justifica porque a Segunda Pessoa, o Filho, Dele procede por via de geração intelectual, como já afirmado. Por isso, o Filho também é chamado de Verbo, *Logos*. Enquanto nome atributivo, tanto o Antigo Testamento quanto o Novo Testamento frequentemente o aplicam à divindade. Pelas relações de criação e providência que Deus possui com o mundo e com os homens, de modo particular com Israel, o povo eleito, se justifica o uso analógico do termo⁴¹. O termo “Pai” adquire, porém, o seu pleno significado no Evangelho, no qual Cristo se refere várias vezes ao Pai, de Quem é a revelação definitiva⁴².

Sobretudo nos três primeiros séculos, os erros teológicos sobre o Pai foram bastante comuns, em parte pelo influxo do monoteísmo hebraico e por outro lado pela preocupação de afastar os perigos do politeísmo. Assim, muitos pensadores reconheceram uma prioridade não de simples origem com relação às demais Pessoas divinas, mas também de valor e dignidade. Assim, surgiram os erros de Práxeas⁴³, Noeto e Paulo de Samósata⁴⁴, dentre outros. Os dois primeiros negavam qualquer distinção real entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, afirmando que há um só princípio que tudo criou, se encarnou, morreu e ressuscitou. Daí os nomes *monarquianismo*⁴⁵ e *patripassionismo*⁴⁶ dados às suas heresias. Já Paulo de Samósata negava - como Ario⁴⁷ fará posteriormente - a divindade de Jesus Cristo, considerando-O apenas como filho adotivo e não eterno de Deus⁴⁸. Por isso, o termo *subordinacionismo*⁴⁹. Apenas nos Concílios de Niceia, Éfeso e Calcedônia se alcança uma fórmula ortodoxa e apropriada para a doutrina trinitária, esclarecendo-se a identidade de natureza, e que a distinção se refere às Pessoas.

Na questão 33 da Parte I da *Suma Teológica*, inteiramente dedicada ao Pai, o Angélico explica que são dois os nomes divinos que pertencem exclusivamente a esta Pessoa: Princípio e Pai. Ao Pai compete o Nome de Princípio, de Quem procede qualquer coisa, porque Dele procede o Filho. Ressalta ainda o Doutor Comum que os latinos utilizam o termo *principium*

⁴⁰ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STh*. III, q. 23, a.2, ad 2.

⁴¹ Cf. MONDIN, B. *Op. cit.*, verbete “Trinità”, p. 611.

⁴² Cf. Jo 14, 9.

⁴³ Cf. DROBNER, H. *Manual de Patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 170.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 218.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 123.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 123.

⁴⁷ *Ibidem*, pp. 244-247.

⁴⁸ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *ScG*, IV, cap. VI, 1.

⁴⁹ Cf. MONDIN, B. *Op. cit.*, verbete “Trinità”, p. 611.

com mais precisão que os gregos, os quais adotam indiferentemente a palavra causa e princípio. Quanto ao nome *Pai*, Tomás explica que é o nome próprio da primeira Pessoa, pois é o nome que A distingue das outras. “O nome próprio de uma pessoa significa o que a distingue de toda as outras (...). Ora, o que distingue das Outras a Pessoa do Pai é a paternidade. O nome próprio desta Pessoa é, portanto, Pai, que significa a paternidade”⁵⁰, pois é o princípio do Filho⁵¹.

O nome Pai se refere à primeira Pessoa mais enquanto é princípio do Filho do que enquanto princípio das criaturas, por isso Lhe compete mais como Pessoa divina do que como Deus. Isso implica que Dele Outros procedem e exclui que Ele proceda de Outros, uma vez que “isso pertence à propriedade da inascibilidade expressa com o termo *ingênito*”⁵². Trata-se, pois de uma palavra que designa uma Pessoa trinitária. Contudo, é um nome relativo ao Filho, porque não há como referir-se a uma sem que a outra apareça. Por isso, a palavra ‘Pai’ significa a ‘paternidade’⁵³. Ora, a palavra “paternidade” que deriva de Pai, refere-se à qualidade de quem é Pai e, portanto, à condição de quem naturalmente possui um Filho.

Deste modo, a palavra Pai, em seu sentido geral, refere-se ao princípio que é, de onde tudo se origina em Deus⁵⁴; e a palavra Paternidade diz respeito à relação que há entre o Pai, que é princípio, e o Que dele procede, a saber, o Filho. Portanto, assim como paternidade refere-se à condição de ser Pai, filiação refere-se à qualidade de ser Filho.

CONCLUSÃO: A PATERNIDADE HUMANA, REFLEXO DA DIVINA.

Tratamos de Deus, de Sua natureza e Trindade, da Paternidade divina segundo Santo Tomás de Aquino. É chegado o momento de dizer algo sobre a paternidade humana, não apenas em si mesma, mas no que pode ser reconduzida a Deus novamente.

Segundo o Aquinate, em coerência com o que se disse acima, a paternidade diz-se principal e propriamente de Deus e não das criaturas. Disso decorre que a paternidade dita do homem é inferior em relação à Paternidade divina, porque na divina há identidade numérica de forma entre o Pai e o

⁵⁰ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STh* I, q. 33, a. 2, r. e MONDIN, B. *Op. cit.*, verbete “*Padre (paternità in Dio)*”, pp. 431-432.

⁵¹ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *In I Sent.* d. 29, q.1, pr. e *STh*. I, q. 33, a. 1, c.

⁵² Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STh* I, q. 33, a. 4, r. e MONDIN, B. *Op. cit.*, verbete “*Padre (paternità in Dio)*”, pp. 431-432.

⁵³ O termo *Paternitas* ocorre trezentos e quarenta e cinco vezes em todo o *Corpus Thomisticum*, sendo trezentos e trinta e seis delas em obras autênticas.

⁵⁴ Cf. PHÈGUES, T. *Dictionnaire de la Somme Theologique de Saint Thomas d’Aquin et du Commentaire Français Litteral*. Paris: Pierre Tequi, 1935, p. 1279.

Filho, entre o genitor e o gerado, enquanto que nas criaturas não, ocorrendo apenas identidade específica⁵⁵. É, pois, da Paternidade divina que procede toda paternidade na terra.

Por isso, o nome *Pai* atribui-se a Deus pessoal e primeiramente, porque o eterno é superior ao temporal e se Deus é Pai do Filho desde toda a eternidade, sendo somente no tempo Pai da criatura humana, segue-se que a Paternidade se diz mais em relação ao Filho do que em relação ao homem⁵⁶. A Paternidade de Deus Pai em relação ao homem é em razão de semelhança de natureza, e não de identidade, como ocorre no caso da filiação divina do Filho. Mas com relação a algumas criaturas, Deus é Pai em razão de algum vestígio de Sua perfeição encontrado nas naturezas de algumas delas⁵⁷.

Da Paternidade divina o Angélico deduz as características da paternidade humana⁵⁸. Duas são as paternidades na terra que são mais perfeitas e mais se assemelham à Paternidade divina, dela procedendo: uma é a paternidade carnal, pela qual o pai gera o filho na carne, na medida em que coopera com o Pai, criador da alma humana na carne; outra é a paternidade espiritual, pela qual o ministro indelevelmente marcado pelo sacramento da Ordem (“Padre”, “Pai”⁵⁹) “gera” em outro homem a filiação divina, mediante o batismo, e a fortalece e restaura pela administração dos demais sacramentos⁶⁰. Por esse pai espiritual, a pessoa que lhe é apresentada, dócil ao apelo do Espírito Santo, é conduzida a Deus, enquanto é levada a reconhecer-se filho adotivo de Deus, na Pessoa e no modelo de vida do Seu Filho, Jesus Cristo.

Concluindo, pode-se afirmar que, para Santo Tomás de Aquino, as verdades referentes a Deus Uno e Trino só podem ser propriamente conhecidas pela Revelação, mas a razão humana alcança uma explicação limitada de alguns de seus dados. Uma das Pessoas divinas é chamada de Pai, seja por que é considerada como princípio das coisas, seja por que, no interior da divindade, possui uma relação de Paternidade eterna com Outra Pessoa, o Filho. Dessa paternidade divina nasce e deriva a paternidade humana.

⁵⁵ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STh.* I, q. 33, a. 2, *ad* 4.

⁵⁶ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STh.* I, q. 33, a. 3, s.c. e TOMÁS DE AQUINO. *STh.* III, q. 23, a. 2.

⁵⁷ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *STh.* I, q. 33, a. 3, c.

⁵⁸ Sobre o próprio pai de Santo Tomás não se sabe muito. A família paterna era de origem lombarda. Um ramo dela terá a posse do Condado de Aquino, mas não será deste que o Aquinate descenderá e sim de um mais modesto. Seu pai, Landolfo, trazia apenas o título de *Miles* e se tornou partidário do imperador Frederico II, opositor do Papa, a partir de 1210. Cfr. TORRELL, Jean-Pierre. *Op. cit.*, pp. 2-3.

⁵⁹ A mesma origem etimológica apresentam os termos “Papa”, “Patriarca” e “Abade”. Interessante notar que o Abade, segundo a Regra de São Bento, “faz as vezes de Cristo” e não propriamente de Deus Pai, como poderia parecer à primeira vista. Cfr. SÃO BENTO, *Regula Monachorum*, cap. 2, 2.

⁶⁰ Ainda que se saiba que alguém pode ser batizado por uma pessoa não ordenada e até mesmo não cristã.